

História e Diplomacia: notícias bibliográficas escritas por Rollie Edward Poppino na Hispanic American Historical Review (1951-1973)

*History and Diplomacy: book reviews
written by Rollie Edward Poppino in
the Hispanic American Historical
Review (1951-1973)*

Larissa Penelu Bitencourt Pacheco

Doutora em História, UFBA, Brasil
Professora assistente - Universidade Estadual
de Feira de Santana, Brasil
laripenelu@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2178-365X>

Resumo: O presente texto tem como objetivo analisar as publicações assinadas por Rollie Edward Poppino (1922-2010), na revista HAHR – Hispanic American Historical Review. O historiador, que pesquisou o Brasil e realizou estudos sobre o interior do país, os sertões e as tradições sociais e que ao longo da década de 1950 e 1960, fez pesquisas sobre a América Latina nos serviços de investigação do Departamento de Estado. Ao mesmo tempo, continuou participando de circuitos de divulgação acadêmica da História do Brasil, em periódicos especializados. Procuramos avaliar como essas publicações se integravam com os

temas da diplomacia estadunidense para o continente, versando, entre outros temas, sobre o marxismo e o comunismo, o desenvolvimento, a modernização e a interpretação sobre as ditaduras. Os documentos foram consultados no próprio periódico, através de portais de pesquisa em que se acessou os textos que compõem sua trajetória como historiador do Brasil. A História Intelectual e a abordagem das suas redes de contato foram intercaladas com o apontamento sobre sua biografia, publicações, relações, leituras que realizou e intercâmbios que foram feitos durante sua carreira.

Palavras-chaves: brasilianista; Guerra Fria; Relações Brasil-Estados Unidos

Abstract: This text discuss about the publications signed by Rollie E. Poppino (1922-2010), in HAHR – Hispanic American Historical Review. Poppino was a historian and he researched Brazil and carried out studies on the interior of the country, the hinterlands and social traditions and throughout the 1950s and 1960s, carried out research on Latin America in the State Department's investigation services. At the same time, he continued to participate in circuits for the academic dissemination of the History of Brazil, in specialized journals. We tried to assess how these publications were integrated with the themes of US diplomacy, dealing, among other themes, with Marxism and communism, development, modernization and the interpretation of dictatorships. The documents are accessed the journal itself, through research portals and we founded the texts that make up his trajectory as a historian of Brazil. Intellectual History and the approach to his contact networks were interspersed with notes on biography, readings he carried out, publications, relationships and exchanges that took place during his career.

Keywords: brazilianist; Cold War; Brazil-US Relationships.

A trajetória de Rollie Edward Poppino como pesquisador do Brasil

Rollie E. Poppino foi um profissional vinculado a programas de estudos promovidos por agências de pesquisas nos Estados Unidos e no Brasil, no contexto da Guerra Fria. Sua carreira e preferências acadêmicas foram favorecidas sobretudo devido ao crescente interesse do Departamento de Estado e de fundações privadas em aprofundar os conhecimentos sobre a América Latina, após o fomento promovido pelas políticas da Diplomacia estadunidense, na conjuntura dos governos Harry Truman, Dwight Eisenhower e J. F. Kennedy, tanto no âmbito público como no contato particular entre grupos de pesquisa dos Estados Unidos e da América Latina. Em busca da discussão de sua trajetória a partir das metodologias da História Intelectual, verificamos que tal é o contexto social específico em que os elementos sociais e culturais afetam os significados da sua escrita (MEYERS, 2016: 25)

Selecionamos para este texto as publicações assinadas por Poppino no periódico *Hispanic American Historical Review* – HAHR – nas quais o autor resenhou trabalhos de história, ciências sociais e ciências políticas sobre o Brasil, período em que também esteve no trabalho com a pesquisa sobre a América Latina junto a uma assessoria do Departamento de Estado para estudos sobre o comunismo e sobre o Brasil¹.

Poppino participou da ASTP – *Army Specialized Training Program*, formou-se na Universidade de Stanford, onde escreveu o texto *The Cattle Industry in San Francisco Valley – A Pecuária no Vale do São Francisco* (1949) e *The Cattle Industry in Colonial Brazil – A Pecuária no Brasil Colonial* (1949b). Depois, realizou seu doutoramento através de parceria entre a Universidade de Stanford, A Universidade de Colúmbia e a Fundação para o Desenvolvimento da Pesquisa no Estado da Bahia, visitando o Brasil por diversas vezes a partir dessa parceria. Ali redigiu, de acordo com direcionamento de Charles Wagley (1913-1991), Thales de Azevedo (1904-1995), Luis A. Costa Pinto (1920-2002), Anísio Teixeira (1900-1971), o texto *Princess of the Sertão* (1951), publicado como Feira de Santana, em 1968, uma história do Município e da região de Feira de Santana entre 1860 e 1950.

Autor de *Brazil: The Land and People* (1968 e 1973) e alguns artigos a respeito da política brasileira, na década de 1960 e 1970, na revista *Current History*, foi um divulgador da História do Brasil na Associação Americana de História, professor na Universidade de Davis, trabalhando

¹ O material separado para esse texto faz parte do quinto capítulo da tese de doutoramento. Para esta oportunidade, foram separados especificamente os materiais sobre a revista HAHR e o trecho que compunha a tese foi reelaborado, de modo a tornar a leitura mais ajustada para o formato de artigo (ver PACHECO, 2021)

com a História do Brasil em suas bibliografias de disciplinas sobre a América Latina, de 1961 até sua aposentadoria, sendo inclusive o coordenador do Departamento de História na instituição por longo período. Também publicou o não menos importante *International Communism in Latin America: a History of the movement 1917-1963* (1964), a partir de demandas da Secretaria de Estado ligada aos estudos sobre o comunismo, durante a vigência da Aliança para o Progresso (1961). Produziu também um trecho especialmente montado para publicação de um livro brasileiro nos Estados Unidos, onde fez avaliações da conjuntura política após o golpe de 1964 (em capítulos dedicados à tradução de *History of Modern Brazil*, de José Maria Bello (1966)). Proferiu palestras nos Estados Unidos e no Brasil, na UNB e em cursos na Universidade em Minas Gerais, respondendo pelo Departamento de Estado em alguns eventos, como foi o caso da palestra na mesa “Depressão, Guerra e processos políticos, 1929-1945”, onde dividiu o espaço com Thomas McGann (1920-1982), pela Universidade de Harvard, que tratou sobre a Argentina².

Os autores que trabalharam com Poppino nessas secretarias escreveram diversos memorandos para os embaixadores, com resumos de capítulos e notícias de pesquisas sobre o Brasil, através das demandas levantadas pelo secretariado de Dean Rusk e Mc Gerge Bundy, que lidavam diretamente com os textos, como pode ser visto nos arquivos de Lincoln Gordon, nas coleções da Biblioteca digital de JFK³. Podemos encontrar a referência ao texto *Brazil* (1968) junto a outros materiais de consulta dos núcleos de análise sobre o Brasil na CIA, como no *National Intelligence Survey*, em 1973, que cita o nome de Poppino e seu livro como um bom referencial mais geral, fruto do trabalho de um “antigo analista do Departamento de Estado”⁴.

Para este espaço, trataremos especificamente das resenhas do autor na HAHR, além de referências a seu nome e diálogos com seus textos em outras fontes. Dentre notícias bibliográficas, que poderiam transparecer uma postura mais “neutra”, encontramos uma perspectiva política construída dentro desse emaranhado de relações. Um intelectual que, a partir de seus próprios interesses acadêmicos, indicou estudos a respeito dos desdobramentos

² The New York Meeting, 1957. *The American Historical Review*, Vol. 63, No. 3 (Apr., 1958), p. 805-860, Oxford University Press. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1848940>. Acesso em 24 de maio de 2018: 814.

³ Ver JFKPOF-112-013-p0001. Brasil, Segurança, 1961. <https://www.ifklibrary.org/> acessado em 05 de abril de 2023.

⁴ CIA: National Intelligence Survey 94; Brazil; The Society – RDP 0707R000200080016-0, acessado pela rede em cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP01-00707R000200080016-0.pdf: 73.

da política brasileira, especialmente, entre 1945-1964 e interferiu no cenário do debate diplomático.

Os pesquisadores latino-americanistas e o Departamento de Estado

A menção a autores ligados ao Departamento de Estado já é relativamente conhecida. Alguns nomes ficaram mais famosos, como o de John Foster Dulles (1913-2008), que atuou mais diretamente como intérprete e investidor ligado aos projetos de expansão da *United Fruit Company*. Durante sua carreira, Dulles produziu 12 títulos e atuou na universidade do Texas, realizando pesquisas sobre o Brasil, o México e a América Central (CARRIJO, 2008). Dulles representou um perfil republicano altamente comprometido em investigar a América Latina e o comunismo e fez parte de um grupo de intelectuais experientes nesse quesito. Porém, nem sempre é possível correlacionar a atuação com o Departamento de Estado de uma forma tão direta. É preciso considerar que diretrizes de governo não definem, sozinhas, as concepções e debates teóricos feitos por esses profissionais dos escritórios do Departamento de Estado. Vale dizer que muitos partiram desse suporte de emprego para dialogar com a política externa, sem necessariamente concordar com ela (SHOULTZ, 2000).

A dicotomia entre os acadêmicos que se engajavam no circuito da produção da “elite” ligada ao Departamento de Estado (MILLS, 1975) e a autonomia de pesquisa, frente a algumas políticas de perseguição, fizeram parte da história política dos Estados Unidos no cenário da Guerra Fria. No momento em que o anticomunismo se fez presente de forma sistemática no parlamento estadunidense, por exemplo, como a partir das ações promovidas pelo senador Joseph McCarthy contra escritores acusados de traição comunista, essas contrariedades foram mais visíveis. Alguns funcionários das secretarias foram perseguidos pelo macarthismo e pela política anticomunista e antimarxista, sobressaindo-se para os serviços do secretariado aqueles pensadores que tomaram como referências o embate ideológico da Guerra Fria, formulando estratégias de expansão do modo de vida estadunidense, demandando o estudo sobre ações para a proteção de seu comércio (ANDERSON, 2015).

Apesar dos embates contrários ao patrulhamento das suas ideias, os intelectuais, ao longo da década de 1950, conviveram com uma pressão cada vez mais constante para uma escrita com um caráter mais prático. Os propósitos dos estudos, durante a Guerra Fria, trouxeram também uma facilidade maior para viagens e financiamentos. Muitos acadêmicos,

que saíram do país em busca de levantamento de dados e de material bibliográfico para estudo dos países considerados “em desenvolvimento” aproveitaram uma série de incentivos para intercâmbios, sejam financiados por políticas públicas, ou em parcerias com fundações e institutos. E, o trabalho de quem escreveu a história, as ciências sociais, analisando as relações entre as classes sociais, os principais movimentos sociais e a sua repercussão política, as esquerdas, os governos e sua representatividade, ganhava destaque nas revistas especializadas, ampliando o acesso ao conhecimento sobre a realidade política da América Latina.

De acordo com Cancelli (2018), durante os governos Dwight Eisenhower, as concepções a respeito do “desenvolvimento”, que já haviam começado a se associar cada vez mais ao anticomunismo, conectaram-se com um conjunto interpretativo que versava sobre o apoio dos Estados Unidos para nações em “crescimento”, associando as teses sobre a modernização ao ideário da Guerra Fria. Primeiro porque, a partir de teses disputadas pelos teóricos do secretariado de Estado, o governo levou em consideração o fortalecimento da esquerda não comunista como força oportunamente difundida como propaganda contrária ao totalitarismo, desde que se forjaram as alianças do grupo dos Americanos em defesa da Democracia. Após o final da Segunda Guerra, esse grupo sustentou a perspectiva de que uma “terceira força” superaria a dicotomia entre a esquerda e a direita. Uma das pessoas que defendiam esse ponto de vista era o secretário Arthur Schlesinger, autor da Aliança para o Progresso (CANCELLI, 2018).

Depois de 1961, os Estados Unidos ofereceram respaldo a ditaduras como a Guatemala (1963), a República Dominicana (1962) e Haiti, apontando para o que poderia ser uma contradição na construção dos argumentos antitotalitários para a diplomacia no continente. A tese de Cancelli é a de que foi possível para os Estados Unidos, dentro desse complexo conjunto interpretativo que circundava as teses sobre o totalitarismo, a democracia, a autocracia e a defesa de regimes considerados autoritários, viabilizar um escopo de leitura sobre as ditaduras que as justificavam, uma vez que elas poderiam ser consideradas como desdobramentos políticos possíveis em algumas regiões, tendo em vista que seria mais importante para o arcabouço da Aliança e para o Progresso, defender a condução da “modernização” e do “crescimento econômico”, do que levantar grandes questionamentos sobre o cerceamento de liberdades. O esvaziamento das teses do marxismo e a eliminação de sua influência também

seriam uma das grandes preocupações do suporte teórico da equipe engajada na formulação de diretrizes da Aliança para o Progresso.

A forma como tais argumentos foram elaborados perpassaram uma complexa teia de associações entre teses desenvolvimentistas, antimarxistas, um antitotalitarismo seletivo que colocou pressupostos de crítica aos regimes nazista, governos autocráticos, populismos, enquanto aplaudiram governos militares sobre os quais se depositou expectativas de “modernização”. Cancelli (2018) buscou justificar essa controversa arquitetura ideológica através da exploração de argumentos no pensamento de uma autora chamada Jane Kirkpatrick (CANCELLI, 2018: 105). Kirkpatrick teria diferenciado regimes autoritários de totalitarismos em um texto sobre as autocracias tradicionais e as autocracias chamadas de revolucionárias. Segundo ela, e de acordo com Cancelli, as autocracias tradicionais teriam criado menos refugiados e dissidentes do que os regimes marxistas, razão esta que usou para defender o apoio dos Estados Unidos com governos ditatoriais no continente, em detrimento das promessas de afastamento de tais governos, feitas na gestão do presidente Jimmy Carter⁵. Juntamente a Thomas Mann, ela teria representado uma das principais leituras do secretariado a respeito da defesa de tais governos, uma vez que não feriam os interesses do governo dos Estados Unidos. De Arthur Schlesinger a Jane Kirkpatrick, muitas são as variantes dessa discussão.

O debate sobre as ditaduras como uma espécie de “mal necessário” atravessou concepções diversas de análises sobre os governos na América Latina (ANDERSON, 2015). Os argumentos da diplomacia foram sustentados a partir de discussões entre autores, informantes, estrategistas. Esse é o motivo pelo qual considero importante observar um sujeito que acompanhou as alternâncias do pensamento diplomático e atuou próximo a ele. Considerado um veterano, Rollie Poppino observou as interpretações marxistas no Brasil, discutiu concepções desenvolvimentistas, partindo de seu trabalho de campo, que também lhe possibilitou um denso levantamento sobre produção, população, terra, trabalho, condições sociais, cultura, política. Desde a geração que atuou com Eisenhower, depois da ocupação da derrubada do governo eleito na Guatemala (1954), passando a busca por um conhecimento sobre a economia brasileira na fase posterior à Aliança para o Progresso (1961), até os anos 1970, como analista da ditadura brasileira, há um pensamento que se sustentou em bases desenvolvimentistas e, ao mesmo

⁵ As teorias dos assessores de Estado estavam em conflito a respeito do lugar de tais teses junto aos “princípios democráticos”. A discussão feita por Kirkpatrick, já em 1979, ocorreu durante o esfriamento do apoio do governo Carter às ditaduras, quando a autora criticou a postura da diplomacia (CANCELLI, 2018: 108)

tempo, antimarxistas, ladeado com o tema da modernização como meta mais importante para os Estados Unidos e para a estabilidade das relações internacionais entre o Brasil e seus vizinhos, do que o aprofundamento das questões sociais dentro do território.

É possível ver, nas notas que se seguem, que os registros em periódicos como a HAHR eram alvo de discussão de assessores, que coletavam as notas críticas sobre a bibliografia, ao mesmo tempo que interferiam no modo como Rollie Poppino via as questões que analisou.

Um de seus contemporâneos, Robert Alexander, foi uma figura importante no secretariado de Estado. Atuante no *Office of Interamerican Affairs*, Alexander escreveu que, em um passado recente, havia pouca preocupação com o que os vizinhos latino-americanos faziam ou pensavam, situação que se alteraria após a Revolução Cubana. Alexander criticou o apoio prestado aos Estados Unidos “a qualquer ditador que se autoproclamasse amigo” (ALEXANDER, 1962: 15), ao invés de fortalecer o crescimento do debate sobre a democracia. Esse autor era um dos responsáveis pelo grupo formulador da Aliança para o Progresso e de tendência democrata. Foi crítico da ditadura da República Dominicana e das ditaduras no continente, desacreditando qualquer tipo de abertura para governos ditatoriais sob a propaganda de uma construção futura da democracia. Apesar disso, tinha uma preocupação em compreender o comunismo e sua associação com movimentos de base considerados radicais (ALEXANDER, 1962: 161). Para ele, onde essa associação ocorreu, os Estados Unidos deveriam se preocupar, oferecendo alternativas nas quais a dicotomia entre a direita e a esquerda não fossem as diretrizes do conflito e as posturas anti-imperialistas fossem tratadas com maior seriedade e preocupação.

Seu anticomunismo estava voltado para a localização das principais forças internas dos movimentos sociais da esquerda, nos países estudados, que estariam agregadas com novas ideias nos anos 1960, juntamente ao trotskismo, que seria para ele a verdadeira “força totalitarista”. Em seu pensamento, as formas da ditadura, seja em Cuba ou seja na República Dominicana, refletiam o que ele denominou de forças antiquadas para o cenário internacional do Pós-Guerra. Muito embora Cuba tenha sido, para ele, o exemplo mais concreto da necessidade de consolidação de um sistema interamericano de resistência democrática.

Esse exemplo aponta o quanto seriam refinados, dentro de cada pensamento, os elementos que foram considerados para indicar apoio ou afastamento dos Estados Unidos dos governos latino-americanos naquele contexto e, como as leituras sobre as sociedades estudadas poderiam fomentar formas divergentes de buscar a construção da intervenção da diplomacia.

Assim, observando as redes de contatos dos pesquisadores dos Estados Unidos com a pesquisa sobre as lutas sociais no continente, através de reuniões, encontros acadêmicos, publicações, periódicos, acompanhamos uma parte do percurso acadêmico de um intelectual que poderia se enquadrar nas definições de um intelectual engajado (BUROWAY, 2010) com as expectativas da política externa estadunidense.

A colaboração de Rollie Poppino na HAHR como brasileiro

A HAHR, publicada pela Duke University Press, divulgou novas diretrizes de pesquisa no campo da História da América de colonização espanhola, unido a grupos de estudos ibéricos. A revista manteve sua linha editorial ligada com a autonomia intelectual e promoveu a parceria de investigação com autores dos países vizinhos, o que levou suas discussões a serem constantemente ajustadas às mudanças de padrões do relacionamento entre Estados Unidos e América Latina⁶. Quer dizer, a revista era também adequada aos padrões da política externa.

O periódico se estabeleceu entre iniciativas pioneiras nos estudos sobre a América Latina. A própria categoria de latino-americanista pode ser atribuída ao surgimento da HAHR, em 1916 “quando historiadores dedicados ao estudo da América Latina se congregaram num encontro da AHA e fundaram a Hispanic (...), que foi publicada pela primeira vez em 1918” (ALMEIDA, 2001: 33). A revista exerceu a função editorial da Conferência latino-americana de História, da Associação Americana de História, que atuou disputando o espaço específico para o debate sobre a América Latina nas academias dos Estados Unidos, desde 1926, agrupando os historiadores latino-americanistas da Associação.

A HAHR influenciou as historiografias nacionais dos países pesquisados na América Latina. Em 1948, por exemplo, foi coordenada por Lewis Hanke, que colaborou com a publicação até o final da década de 1970, sendo homenageado algumas vezes pelo editorial, dados seus feitos nessa linha⁷. Hanke foi um dos grandes interlocutores da produção sobre o Brasil nos Estados Unidos. Outro personagem que se destacou na revista foi J. John Johnson, que, após publicar pela Stanford, o livro *Political Change in Latin America*, de 1959, seguiu reunindo pesquisadores de suas redes de contato, cercado-se de especialistas que tratavam de regiões

⁶ Guide to the American Hispanical Review, 1956-1975. Duke University Press, Durham, Norte Carolina, 1980.

⁷ Lewis Hanke (1905-1993) atuou na Biblioteca do Congresso como responsável pelo setor hispânico, foi homenageado pela LASA – Latin American Studies Association – fundada em 1966, atuando como sujeito que facilitou os debates com historiadores do Brasil.

americanas consideradas como centrais para entender o caráter da democracia no continente (FERES JÚNIOR, 2005.). Johnson teve, inclusive, uma aproximação importante com Poppino, quando o orientou nos trabalhos de pesquisa em Stanford, realizando viagens e estudos de campo sobre diversos temas.

Em 1960, as análises sobre o papel dos militares na América Latina foram destaque da revista. Samuel Huntington foi o grande expoente dessa temática, como também Edwin Lieuwen (*Arms and Politics in Latin America*), que produziu uma discussão sobre os motivos pelos quais os “generais” ganharam projeção na política da América Latina, dividindo as hipóteses entre um “vácuo” de poder e um comportamento geracional.

Os assessores do Departamento de Estado possuíam um lugar bem demarcado no campo intelectual da HAHR, entre o primeiro grupo de “especialistas”, ou seja, aqueles acadêmicos “veteranos” e bem conectados com a circulação de ideias e publicações nos países de pesquisa. Sendo funcionários no Departamento, prestavam um serviço de credibilidade para compreensão a respeito das historiografias no continente, pois suas visões eram valorizadas como sendo mais oficiais. Ter uma história de engajamento no trabalho empírico ou de envolvimento com grupos locais era, sem dúvida, uma boa plataforma de destaque na revista.

Com a colaboração de escritores latino-americanos, um intelectual como Poppino, que já fazia diálogos com os grupos de estudos externos aos Estados Unidos, na “outra América” (FERES JÚNIOR, 2005) acompanhou outros nomes de seu círculo, nesse sentido. Carreiras como a dele foram construídas entre aqueles que se preocuparam com a “modernização” e o “desenvolvimento” e as semelhanças e as proximidades entre acadêmicos brasileiros e norte-americanos ficaram conhecidas, embora com posições políticas diversas.

A troca de informações entre esses núcleos acadêmicos cresceu bastante após 1958, período no qual as relações entre o Brasil e os Estados Unidos ganhou mais destaque (BARBOSA, EAKIN, ALMEIDA, 2002). Para Feres Júnior (2005), os espaços específicos para textos sobre o Brasil, abertos entre os cenários de especialistas em América Latina, mesmo durante a década de 1950, demonstravam que o papel do país no continente ainda pedia um destaque especial e era como se o Brasil fosse a “outra América Latina”. Apesar de muitas comparações, o Brasil se sobressaía mais próximo dos Estados Unidos politicamente, o que aumentava o interesse em sua História e suas peculiaridades de formação territorial, língua, população, com relação aos países de fronteira ao Sul. (FERES JÚNIOR, 2005).

Em 1952, Poppino enviou materiais para a HAHR e para outros periódicos ligados à Associação Americana de História. Na HAHR, publicou algumas resenhas, como sobre o livro “Notícia Geral de Toda a Capitania da Bahia até o presente ano de 1759”, de José Antônio Caldas (POPPINO, 1952). Além disso, abordou as edições comemorativas do quarto centenário da capital baiana, munindo o leitor estadunidense de uma lista de textos até então disponíveis sobre o tema. Não podemos dizer que Rollie Poppino, na HAHR, foi uma figura tímida. Ali ele publicou uma série de resenhas, algumas inclusive assinadas como representante do Departamento de Estado, ou pela Universidade da Califórnia em Davis⁸.

Naquele contexto, alguns ensaios importantes sobre o Brasil circularam nos Estados Unidos, tais como os de Gilberto Freyre, e notícias bibliográficas tomavam muitas páginas da HAHA. Poppino fazia essa tarefa, evidenciando-se conectado a intelectuais brasileiros. As produções de resenhas científicas e artigos acadêmicos nos periódicos temáticos foram instrumentos de contato, pois permitiu boa parte da permuta de informações entre os pesquisadores dos *Latin American Studies* e os cientistas sociais brasileiros.

Na HAHR, Poppino dialogou com o conteúdo que já ganhava as páginas da revista, em publicações de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda. Poppino produziu uma resenha sobre Caminhos e Fronteiras, deste último, ao mesmo tempo em que passou a noticiar o tema da Revolução no Brasil, como em sua resenha sobre o livro de Nelson Werneck Sodré, de 1959, “Introdução à Revolução Brasileira”. O livro foi comentado por Poppino ao lado de “A marcha da revolução social no Brasil. Ensaio histórico-sociológico do período – 1922 a 1954”, de Olbiano de Melo.

Em 1955, Rollie Poppino resenhou “A História da Cidade de São Paulo”, de Afonso de Taunay (POPPINO, 1955). Seguindo a linha, também resenhou “Tratado de Madri. Antecedents – Colônia do Sacramento”, de Jaime Cortesão (POPPINO, 1956). Assim, ele manteve esta silhueta, até o final da década, comunicando sobre publicações de relatos de viagem, sobre colonização e povoamento do interior do país.

Poppino produziu em 1958 uma resenha sobre o livro “Jesuítas no Sul do Brasil”, de Luís Gonzaga Jauger, como sobre “Gaúchos e Beduínos”, de Manoelito Ornelas e o entrelaçamento

⁸ Era comum que os associados ao periódico utilizassem suas assinaturas de acordo com seus cargos em Washington, como foi seu caso, que era correspondente e assessor do INR- Bureau of Intelligence and Research, o escritório especial de pesquisas no Departamento de Estado. Sobre o INR e algumas correspondências com o Brasil verificar FICO, 2008.

entre os estudos do passado colonial brasileiro e os “eighteenth-century studies” foram o foco dos materiais selecionados pelo historiador para se corresponder com a HAHR. A formação das instituições, as lutas por independência, o Estado, forma de governo, representação política, lutas separatistas, dentre outros temas da história política ocuparam as páginas da revista, tanto sobre o Brasil como sobre as demais nações do continente.

Tais apontamentos bibliográficos, feitos pelo autor, parecem não ter gerado tanta repercussão entre os colegas que com ele dialogavam na revista. Mais adiante, veremos que, com a sua atuação junto ao governo, aquela que era a sua menor pretensão (pois Poppino revelava a sua ambição em ocupar uma cadeira como professor na Universidade e ensinar História, chegando inclusive a tentar emprego no campus de Santa Bárbara antes de atuar em Davis) terminou por ser a que mais lhe gerou comentários dentro das revistas especializadas em Brasil e em América Latina naquele contexto da Guerra Fria.

Um Diplomata Historiador: temas sensíveis da política externa nas notícias bibliográficas sobre o Brasil

O acúmulo de viagens, feitas por Poppino, o autorizou a fazer comentários no campo das relações internacionais, como em 1962, quando se deteve a algumas notas sobre o livro de L. Ethan, sobre “Frank B. Kellogg and American Foreign Relations, 1925-1929” e “Notas históricas y diplomáticas” de Simón Planas-Suárez. Aqui já vemos o autor que revela preocupações candentes do cenário da América Latina após a política da Aliança para o Progresso, no governo Kennedy.

Diante das alterações da política externa norte-americana para o continente, entre 1959 e 1965, após a Revolução Cubana, a formação de novos tratados entre os Estados Unidos e a América Latina, com a Aliança para o Progresso (1961) e o rompimento de laços com Cuba, passando pela consolidação do golpe em 1964 no Brasil, podemos dizer que o interesse pela democracia brasileira ganhou destaque. Nessa fase, os comentários bibliográficos da revista HAHR expuseram também, com maior ênfase, a escolha teórica dos autores, os enquadrando como marxistas ou como voltados para uma história “tradicional”.

No contexto da escrita de *International Communism in Latin America: a History of Movement*, por exemplo, Poppino avaliou o trabalho de Dorothy Dillon *International Communism*

and Latin America: Perspectives and Prospects, em 1963⁹. No final dos anos 1960, destacamos a sua opinião sobre o livro de Robert D. Crassweller, sobre a República Dominicana e o livro *The Dominican Crisis from the Fall of Trujillo to the Civil War*, de John Bartlow Martin (POPPINO, 1968). Sobre ambos, Poppino analisou que trataram dos abusos do poder político naquela República e no texto *Trujillo: The Life and Times of a Caribbean Dictator*, de autoria de Crassweller, publicado em 1966, Poppino destacou que, no livro resenhado

Trujillo é apresentado como um produto lógico e talvez inevitável da História e da Cultura dominicana, mais próximo de um antigo potentado oriental do que um governante do século XX, de personalidade infinitamente complexa, que combinava o gênio para organização e poder com sua monumental vaidade, ganância imensa e imoralidade profunda, como um verdadeiro déspota, que aperfeiçoou o uso do terror, engano e humilhação como armas políticas; e, ultimamente, como um líder que falhou na condução do seu povo para uma nova ordem social, com autonomia e dignidade” (tradução nossa).¹⁰

Já com relação ao texto de Martin,

A despeito desses eventos John Bartlow Martin forneceu um relato mais próximo de suas experiências como jovem embaixador do Presidente Kennedy na República Dominicana, o que o levou a dizer muito sobre a elaboração e execução da política externa americana. Martin era um militante liberal e entusiasta da Nova Fronteira e recebeu bem a oportunidade de oferecer mais peso na influência dos Estados Unidos na busca dominicana pela democracia e contra os extremos da direita e da esquerda. A confiança, boa vontade e ingenuidade que existiam quando ele assumiu o seu primeiro cargo diplomático deu lugar à frustração, ao perceber que os Estados Unidos não poderiam usar seu grande poder para tratar da política doméstica do Caribe. Depois de dois anos, a história dominicana acelerou. Desiludido, Martin renunciou a seu projeto inicial e escreveu o livro para explicar o que houve de errado. O livro ainda estava inacabado quando a violência explodiu em 1965, quando ele voltou à crise dominicana como emissário do presidente Johnson. Assim, Martin conseguiu adicionar a quarta e mais interessante parte do seu trabalho sobre a guerra civil, o comunismo e a intervenção” (tradução nossa)¹¹.

⁹ Dillon trabalhava nos estudos interamericanos, na Universidade da Flórida, com uma monografia de apenas 48 páginas e chamou sua atenção, segundo ele mesmo, por ter localizado, na história das Relações Internacionais, pela primeira vez, a exclusão de Cuba dos tratados americanos, em 1962, já se apresentando como referência para a compreensão do período de estremecimento das relações com os Estados Unidos com a ilha. Mesmo sendo tema amplamente divulgado, Poppino chamou atenção sobre a preocupação da autora em analisar no âmbito acadêmico.

¹⁰ “Trujillo is presented as the logical, perhaps inevitable, product of Dominican culture and history, yet more like some ancient Oriental potentate than a twentieth-century ruler; as an infinitely complex personality, who combined genius for organization and power with monumental vanity, immense greed, and profound immorality; as a true despot, who perfected the use of terror, deceit, and humiliation as political weapons; and, ultimately, as a leader who failed to lead his people toward a new social order, self-rule, and self-respect” (POPPINO, 1968: 150)

¹¹ Do original: “In Overtaken by Events John Bartlow Martin provides an intimate account of his experiences as President Kennedy’s fledgling ambassador to the Dominican Republic, and incidentally says a great deal about the making and executing of American foreign policy. A militant liberal and enthusiastic supporter of the New Frontier,

Os acontecimentos políticos na América Central foram associados a uma cultura política de tensões e rupturas, nas quais as atuações que fugiram das noções estadunidenses de democracia para a América Latina foram criticadas. Poppino pareceu manter um olhar moderado no sentido do julgamento da postura do autor, tentando compreender suas próprias razões e trajetória particulares. Aguardou-se dele uma atitude mais enérgica com relação a conduções da política que pudessem ser consideradas extremas. A experiência de Martin, assim, divide as atuações entre uma política externa que manteve uma postura de intervenção mais direta na América Central a as ações após a Guerra Fria, voltadas para uma tentativa de administração das crises pela via do discurso da democracia. A percepção de Poppino sobre o tema foi, nesse caso, bem próxima àquela produzida por Alexander em 1962: era preciso, para esses autores que trabalharam junto à escrita dos textos da Aliança para o Progresso, expressar que os Estados Unidos estariam pavimentando suas relações com bases em premissas democráticas.

Naquele ano, a República Dominicana vivia uma Guerra Civil, com uma grande intervenção dos Estados Unidos, através de uma invasão do país (Operação Power Pack, que contou inclusive com uma missão brasileira composta de 4000 combatentes), quatro anos depois do assassinato de Rafael Trujillo, ato cuja participação da CIA foi divulgada em todo o continente¹².

Governos como o de Trujillo ganharam força justamente no contexto de expansão da política comercial estadunidense na região. Podemos dizer que essa foi uma era de mudanças substanciais nos quadros da grande política na América Latina. A definição de ditadura transitava entre os quadros iniciais da América Central até os anos 1940 e serviam de elemento

Martin welcomed the opportunity to throw the weight of United States influence into the Dominican quest for democracy and against the extremes of Right and Left. The confidence, good will, and naivete he took to his first diplomatic post were soon replaced by frustration as he came to realize the United States could not bring its great power to bear effectively in domestic Caribbean politics. Within two years, despite his best efforts, the Dominican wheel had gone full turn. Disillusioned, Martin resigned and began writing this book to explain what had gone wrong. It was still unfinished when violence broke out anew in April 1965, and he was swept back into the Dominican crisis as President Johnson's emissary. Thus, Martin was able to add the fourth and most gripping part of his report, which deals with civil war, communism, and intervention". (POPPINO, 1968: 151).

¹² Rafael Trujillo morreu em 1961, em uma emboscada, após ter sido banido de participação na OEA. Na época, ele era comandante do Exército (1952-1961). O episódio é um exemplo de como um ditador no poder, desde 1930, veio a ser eliminado pelos Estados Unidos, após as constantes denúncias de tortura, perseguição e assassinatos em Santo Domingo ganhar repercussão internacional e manchar a imagem dos Estados Unidos. Sem uma "resposta" satisfatória para seus atos, Trujillo passou de político apoiado pela política externa norte-americana para alvo da CIA.

de comparação para discutir o que seria um “governo autoritário”. Poppino concordou com a leitura da CIA em favor do anticomunismo na República Dominicana, em 1965 e 1966, e se preocupou com o avanço das reformas sociais, como a Reforma Agrária, mas refutava a sua premissa autoritária.

A atuação de Poppino como comentarista se fortaleceu após a circulação do seu livro sobre o comunismo. Após sua experiência como assessor, o livro sobre o comunismo na América Latina ganhou a cena na revista *The Americas*. Foi resenhado, por exemplo, por Karl Schmitt (1922-)¹³, um dos funcionários do Departamento de Estado na época, para assuntos latino-americanos, no *The Annals of The American Academy of Political and Social Science*, em volume que tratou especialmente das relações internacionais nos Estados Unidos, naquele ano emblemático de 1965 (SCHMITT, 1965). Outros colegas, como Robert Alexander, escreveram resenha sobre Poppino em 1965 (ALEXANDER, 1965). Além de Alexander, citamos Edward Elsasser, que por sua vez teceu comentários ao autor no *The Journal of Modern History* (ELSSASSER, 1965). Edward O. Elsasser (1906-1983) foi um colaborador da HARH e da *The Americas* após ser candidato republicano ao parlamento nos anos 1940, dedicando-se, no periódico, como comentarista de temas sobre a América Latina e a política externa estadunidense. A resenha de Elsasser foi escrita após o golpe de 1964 no Brasil, episódio que não foi mencionado. O autor, assim como Poppino, estava mais preocupado em caracterizar a expansão do comunismo no continente e o seu combate. Também, é bem verdade, o entendimento sobre os acontecimentos brasileiros ainda era fruto de pesquisas e debates inconclusivos. Segundo Elsasser (1965: 284),

Rollie Poppino está preocupado fundamentalmente com a história deste movimento e seu papel recente e ele fez um trabalho excepcional em desvendar essa rede complexa em um livro de fácil compreensão. É possível encontrar detalhes históricos suficientes que ofereçam pontos de referência para latino-americanistas informados que procuram alcançar abordagens mais hemisféricas sobre o comunismo e, ao mesmo tempo, há um deslocamento de minúcias que distraiam o leitor leigo (tradução nossa)¹⁴.

¹³ Foi um latino-americanista. Nasceu em 1922, atuando como pesquisador nos anos 1940, orientado por Manoel Cardozo, completando seu doutorado na Pensilvânia, em 1954, sendo contemporâneo de Rollie Poppino junto aos trabalhos de pesquisa no Departamento de Estado americano. Todo seu arquivo pessoal foi disponibilizado na Universidade Católica Americana, podendo a lista ser encontrada em: <http://archives.lib.cua.edu/findingaid/schmitt.cfm>. Acesso em 20-11-2017.

¹⁴ Do original: “Rollie Poppino is concerned essentially with the history of this movement in the later role and he has done a masterful job of unraveling a very tangled skein in a comprehensive and literate book. Included here is sufficient historical detail to provide familiar reference points for the informed Latin Americanist who seeks a firmer grip on the development and scope of hemispheric communism, and at the same time, there is a market

E, mais adiante, mostrou que a aceitação de uma esquerda democrática e o combate ao comunismo seria a principal estratégia para negociação política com oposições dentro da América Latina, buscando construir uma limpeza gradual no lugar de um combate mais duro.

Entretanto, para Poppino, esta não é a única forma de remediar o processo. A reforma chegará, e logo acontecerá, e será melhor que ela ocorra pela via dos partidos da esquerda democrática e dos meios de natureza democrática ocidental, pois assim, no futuro, poderá haver uma onda de limpeza mais natural (tradução nossa)¹⁵.

Robert Alexander (1965) discutiu com Poppino sobre a relação do comunismo atribuído ao regime cubano com a União Soviética e a China. As posições da Guerra Fria no continente e a história de associação entre Cuba e o mercado Soviético tornaram estas preocupações mais críticas para os analistas estadunidenses na segunda metade da década de 1960. Alexander contestou apenas a possível estima em demasia que Poppino teria dado à interferência da Internacional Comunista no Brasil entre os movimentos operários, contudo elogiou o empreendimento da publicação.

De perfil mais ligado à história do trabalho, Alexander era um intérprete mais atento ao interior das organizações trabalhistas no Brasil e na América Latina. Para ele, no capítulo em que Poppino abordou a disposição da estrutura dos partidos políticos, teria sido mais válido buscar a compreensão de “táticas” e estratégias” para entender as organizações de esquerda no continente. Estava claro, para Robert Alexander, que os partidos comunistas não eram a grande preocupação na política de propaganda de manutenção da “Paz” e da Liberdade norte-americanas no continente, propaganda esta que se calcava, muito mais, na reprimenda de ações coletivas organizadas na zona rural, no controle sobre as expectativas de reformas vindas dos grupos subalternos e nas lutas por direitos sociais que se dispuseram ao enfrentamento da propriedade privada. Assim, Alexander criticou o modo como Poppino viu ligações entre atos esporádicos e o movimento comunista internacional, porque para o primeiro, a maioria das movimentações detectadas por Poppino não representaram um conjunto de “ameaças” e nem um embate sistemático ligado ao campo soviético. Isso não quer dizer que havia uma descrença

avoidance of the minutiae which would deter the lay reader seeking to relate the communism movement to Latin America”.

¹⁵ Do original “As Poppino indicates, however, this is not the only remedial process. Reform must come, and come soon, and, if the parties of the democratic Left and the resources of the democratic West can be brought effectively to bear, the wave of the future can be a cleansing rather than a purgative force”. (ELSASSER, 1965: 285).

no potencial de luta comunista no Brasil, mas que Alexander imaginou que essa força estava muito mais associada com movimentos sociais dispersos na sociedade civil¹⁶.

Naquele período, autores como John Foster Dulles, tornaram-se referências para obtenção de informações sobre o partido comunista no Brasil e seu trabalho, assim como o de Poppino apesar de muito difundido no Brasil, não foi feito para leitores brasileiros, e sim, para divulgação do conhecimento sobre a expansão do comunismo no continente. O trabalho de J. Dulles tem muito mais qualidade investigativa, uma vez que se debruça sobre um país, especificamente, mas em geral, para estes historiadores, fugia ao domínio de seu texto a forma como a luta efetivamente ocorreu, não havendo discussões sobre programas e movimentos internos das organizações. Dulles obteve muito mais informações com as fontes da própria esquerda, enquanto Poppino frequentou os acervos das classes dominantes.

A cobrança dos resenhistas do livro de Poppino sobre o comunismo girou em torno de uma expectativa de que ele tivesse mostrado mais sobre as articulações de movimentos de oposição que ocorreram tanto por dentro como por fora dos partidos comunistas mais tradicionais.

O capítulo sobre as relações entre comunistas latino-americanos e o regime castrista e o conflito sino-soviético é também significativo. Poppino está correto em destacar o dilema em que Castro foi colocado pelo conflito Sino-Soviético. Ele destacou os esforços dos chineses para representar o regime Castro como um exemplo típico do modelo de revolução que eles buscavam, e os esforços de Castro para provocar movimentos semelhantes em outros lugares da América Latina. Porém ele também revelou a dificuldade que Castro teve em assumir abertamente a liderança dos comunistas orientados por influências chinesas no continente, por causa da sua necessidade do suporte russo. Talvez Poppino pudesse ter prestado mais atenção nos partidos e grupos que surgiram fora dos partidos mais ortodoxos, que eram atraídos pelos comunistas chineses (tradução nossa)¹⁷.

¹⁶“Tenho poucas críticas à publicação. De um lado, Poppino tendeu a superestimar a influência do comunismo no movimento operário. Há também uma pequena questão que pode ser feita sobre detalhes da história particular de cada país” (tradução nossa); do original: “I have only minor criticisms of this volume. For one thing, Poppino tends to overestimate Communist influence in the labor movement. One might also question some of the minor details in the history of the individual national parties” (ALEXANDER, 1965: 1147). Sobre a publicação, Maicon Silva Carrijo tem um olhar muito semelhante a respeito do debate de Poppino com esses historiadores, porém não entra em maiores detalhes sobre o perfil de Poppino na análise do movimento comunista. Ver CARRIJO, 2008.

¹⁷ Do original: “Of significance, too, is the chapter on the relations of the Latin American Communists with the Castro regime and the Sino-Soviet conflict. Poppino is correct in emphasizing the quandary in which Castro is placed by the Sino-Soviet struggle. He notes the efforts of the Chinese to picture the Castro regime as a typical example of the kind of revolution they are advocating, and Castro's efforts to bring about similar uprisings elsewhere in Latin America. Yet, he also points out the difficulty Castro has in openly assuming the leadership of the Chinese-oriented Communists in the hemisphere, because of his need for Russian assistance. Perhaps Poppino might have given somewhat more attention to parties and groups that have arisen outside of the orthodox Communist parties, which are attracted to the Chinese Communists”. (ALEXANDER, 1965: 1147).

A política externa estadunidense, que defendeu uma esquerda democrática não marxista, a favor de seus interesses, assumiu posições opostas a elas quando seus investimentos privados foram ameaçados. O antimarxismo e o combate às discussões sobre a abordagem das lutas de “classes” eram muito mais ferrenhos entre esses autores do que as discussões sobre o comunismo propriamente dito. Os autores procuravam entender o raio de influência das teorias do comunismo e indicavam quais eram os atos vistos como ameaças mais sérias à atuação dos Estados Unidos, até porque, nem toda a oposição comunista se colocava contrária aos Estados Unidos e nem toda a abordagem marxista, exceto aquela anti-imperialista. Isso significava que a leitura sobre a presença do antiamericanismo em ações das lutas sociais no continente eram um assunto levado a sério pelos autores latino-americanistas, tema a ser aprofundado, porque deveria ser combatido.

Apesar de destacarmos aqui, no percurso da escrita de Poppino, o tema do comunismo, o principal assunto de pesquisadores latino-americanistas ligados ao Departamento de Defesa e às agências de inteligência dos Estados Unidos era o “desenvolvimento”. Um conjunto de pesquisas conectava perguntas sobre formação econômica e social, heranças históricas consideradas “atrasadas” e potenciais de investimento, desde os anos 1950. As conclusões giravam em torno de discussões sobre o comportamento de líderes políticos dos países latino-americanos, mediante o crescimento econômico assistido no pós-Guerra. Como tornar esses países parceiros dos Estados Unidos, quando suas políticas internas pareciam ainda descompassadas com a experiência de crescimento do capitalismo? Esse não foi um assunto polemizado nesse periódico, apesar de encontrarmos algumas notícias biográficas feitas por Poppino, como veremos. Aqui podemos ver como o golpe, a ditadura, ou o “regime” de 1964 foi tratado pelo autor.

Seguindo esse roteiro de acompanhar as suas resenhas, no comentário que fez em “Os idos de março e a queda em abril”, Poppino demonstrou a versatilidade de seu perfil intelectual, em tom ensaístico e, ao mesmo tempo, atualizado com as tendências internas das publicações brasileiras sobre o golpe de 1964 (POPPINO, 1965). O texto foi organizado por Alberto Dines, Antonio Callado, Araújo Neto, Carlos Castello Branco, Claudio Mello e Souza, Eurilo Duarte, Pedro Gomes e Wilson Figueiredo. Considerado como a primeira narrativa sobre os acontecimentos posteriores ao golpe de abril de 1964, o principal tema tratado foi o da

interpretação sobre os atos do mês de março, feita por dirigentes da imprensa brasileira, chefes de redação e leitores críticos do “radicalismo” e da atribuição de uma imobilidade de Goulart nos momentos imediatamente anteriores ao golpe. Mesmo incomodados com o termo “Revolução”, os autores alegavam não encontrar argumentos para tomar posição contrária ao governo estabelecido, justificando-se a partir de uma inação da esquerda no campo democrático. A resenha, nesse caso, foi bastante sucinta, não apresentando maiores detalhes da percepção de Poppino sobre o tema.

Mais adiante, durante os anos 1970, ele passou a responder ao debate latino-americanista da HAHR como leitor dos analistas sobre o Brasil “Moderno”. Ao mesmo tempo, os militares retornaram à cena das pesquisas, como objeto de estudo, diante do aprofundamento das ações de controle exercido pela ditadura sobre os intelectuais, censuras, perseguições, exílios, aposentadorias forçadas. Se antes Poppino fez apontamentos sobre a administração das crises econômicas, passou a discutir o governo e a política, diante do crescimento do autoritarismo, que começou a se apresentar cada vez mais claro devido às denúncias internacionais sobre torturas no Brasil, na entrada da década de 1970.

Inicialmente, discutiu o desenvolvimento da economia e as possibilidades de parceria comercial entre brasileiros e estadunidenses, quando produziu uma resenha a respeito do livro de John Foster Dulles, em 1971 (POPPINO, 1971)¹⁸. O livro *Unrest in Brazil: Political Military*

¹⁸ “Baseado em leitura extensa de relatos recentes e mais de duzentas entrevistas com colaboradores que vieram dos dois lados da cena caleidoscópica da política brasileira, durante a década do suicídio de Vargas, o estudo narra os acontecimentos e causas de respostas individuais para situações imediatas. Como em seus trabalhos anteriores, Dulles demonstrou sua capacidade de obter comentários diretos de homens cujas decisões influenciaram a política nacional, embora o leitor possa suspeitar que um informante ocasional tenha permitido uma aceleração dos acontecimentos e mudado a fortuna política que coloriu sua memória” (tradução nossa); Do original: “Based on extensive reading of contemporary accounts and some two-hundred interviews with participants on all sides of the kaleidoscopic political scene in Brazil, during the decade of the Vargas suicide, the study relates the actions and motivations of individuals responding to immediate situations. As in his earlier works, Dulles has demonstrated his capacity to elicit forthright comments from men whose decisions affected national politics, although the reader may suspect that an occasional informant has allowed the rapid pace of events and changes of political fortune to color his memory”. (POPPINO, 1971: 852). Sobre Otávio Ianni, ele alertaria o leitor sobre o uso do marxismo na escrita do professor brasileiro, metodologia e explicação como defeitos do texto (o que lhe sobraria de qualidade?): “Ianni tem um defeito mais sério, entretanto, que é a distorção dos fatos históricos para se adequar ao modelo que ele construiu. Por exemplo, ele sugere que as massas estavam no poder antes da queda do Estado Novo, e ele projeta o retorno da administração de Vargas, sua política e política econômica dos anos 30, que não haviam sido adotadas em 1930 e nem até 1945. Embora escrito em 1967, o livro reflete muitas das suposições marxistas e da euforia da esquerda durante o governo Goulart. Isso explica o colapso da esquerda e a inabilidade dos líderes esquerdistas para entender e formular proposições adequadas para resolver a situação” (tradução nossa); Do original: “A more serious defect, however, is Ianni’s distortion of historical facts to fit the model he has constructed. For example, he suggests that the masses were in power before the overthrow of the Estado Novo, and he projects back to the Vargas administrations of the 1930s political and economic policies that Vargas did not

Crisis, 1955-1964, foi resenhado juntamente com o livro de Otávio Ianni, *Crisis in Brazil*. Os estudos, segundo Poppino, por apresentarem perspectivas diferentes e até opostas, já eram marcos para a compreensão do golpe de 1964¹⁹. Sua visão era a de que, a tarefa inicial atribuída aos militares, de recuperar a “ordem” já seria duvidosa e assim, salientou o envolvimento das Forças Armadas na política como uma questão polêmica. Ao fazer uma resenha do material de Foster Dulles, mostrou a inclusão do Brasil no conjunto de Estados Nacionais que retornaram a vivenciar tal experiência de ocupação militar do poder, mesmo que ele “não tenha acreditado” que essa seria a atitude a se desenrolar depois dos fatos de 1964. Poppino chegou a dizer que Dulles, possivelmente, teria sua mente iluminada por informantes ocasionais, sobre os quais, no entanto, não tinha informações precisas.

Ainda sobe John Dulles, seguindo uma espécie de cronologia das resenhas, encontramos outros textos, resumidos em conjunto com o título “*Perspectives on Communism in Brazil*”. Nesse periódico, Poppino foi apontado como o primeiro a escrever sobre o tema na conjuntura (POPPINO, 1978). O adjetivo “esquerdista” amplamente utilizado, conectava sutilmente à política dissidente com o tema da violência política, não aceita no terreno dos partidos políticos do campo democrático e mesmo da esquerda democrática. Vale aqui ressaltar que o “esquerdismo” já era uma expressão fortemente utilizada no jornalismo situacionista brasileiro e em obras sobre a política nacional.

Poppino (1978), ao tratar da abordagem de John Foster Dulles sobre o comunismo no Brasil, demonstrou como, segundo ele, Dulles preferiu tratar da história pessoal e da abordagem de sujeitos, distante do que considerou como a escrita marxista da História, fazendo inclusive uma espécie de mobilização pela abordagem dos sujeitos em contrariedade com o marxismo:

Não há dialética, massas sem rosto, respondendo a forças inexoráveis, inevitabilidades marxistas que moldam o curso dos eventos humanos. Em vez disso, Dulles fez uma crônica humanista de palavras e ações de indivíduos que responderam a circunstâncias imediatas entre si (tradução nossa).²⁰;

adopt until 1945 or later. Although written in 1967, the book reflects many of the Marxist assumptions and much of the euphoria of the political Left during the Goulart administration. It explains away the collapse of the Left as the inability of leftist leaders to understand and devise proper formulate to exploit the situation”. (POPPINO, 1971: 852).

¹⁹ “Here are two eminently scholarly, but otherwise unlike, studies that attempt to account for the Brazilian revolution of 1964”, (POPPINO, 1971: 852).

²⁰ Do original: “Here are no dialectics, no faceless, masses responding to inexorable forces, no Marxian inevitabilities shaping the course of the human events. Rather, Dulles has written a humanistic chronicle of the words and deeds of individuals responding to immediate circumstances and to each other”. (POPPINO, 1978, Ibid: 267).

Sobre esse tema, Thomas Skidmore fez uma crítica aos historiadores brasileiros do terreno da história social e econômica, que, segundo ele, seriam influenciados pelo marxismo presente no campo. Para Skidmore (1998: 120), os latino-americanistas trariam algo a mais para contribuir com a história:

Um campo para o qual os historiadores latino-americanistas se voltaram foi a história social e econômica. Essa escolha foi irônica entre os marxistas que já haviam declarado uma exclusividade nesse campo. O problema foi que os estudiosos marxistas tinham enterrado os feitos humanos sob abstrações como “o proletariado”, “a burguesia” e “lumpem”, perdendo o controle dos atores de carne e osso no confronto das “forças produtivas”. Historiadores latino-americanistas estão reformulando esses atores através de cuidadosas pesquisas nos arquivos e entrevistas com sobreviventes da ditadura e outras eras, em fontes inestimáveis da história oral (tradução nossa)²¹.

Porém a crítica de Skidmore, datada do período pós-ditadura e das inovações na pesquisa latino-americanista, diverge um pouco daquela que já tinha sido feita por Poppino, com uma postura mais calcada no antimarxismo da era da Aliança para o Progresso. A escrita marxista, como dissemos, interessava especialmente no debate sobre o desenvolvimento, ou como abordagem de história, considerada “política”, porém, tornava-se incômoda quando tratava dos sujeitos da história a partir do escopo do conflito entre as classes. Havia uma leitura, de fundo, voltada para uma proposta de “humanizar” o marxismo, leitura que visualizava nesse marxismo dito humanizado uma abordagem que não tivesse como pressuposto a luta de classes. No âmbito da interpretação da história, o marxismo era criticado como uma teoria que não apresentava os sujeitos sociais, entenda-se aqui essa abordagem como sendo uma descrição da história política em que estavam envolvidos.

Um locutor desse debate e que nos presta a um exemplo foi Nelson Werneck Sodré. Poppino discordou mais da ênfase de um determinismo das relações econômicas sobre os fatos, para ele vindo do marxismo, do que das atitudes políticas de Sodré. Seu nacionalismo o incomodava, porém, Sodré, como militar, podia observar por dentro, segundo Poppino, os objetos que interessavam aos brasilianistas no contexto, saltando aos olhos como uma narrativa

²¹ Do original: “One field to which Latin American historians turned was social and economic history. This choice was ironic in that Marxist scholarship had already claimed an exclusive hold on that field. The problem was that the Marxist scholars had usually buried the historical human beings under a wealth of abstractions such as “the proletariat,” “the bourgeoisie,” and “lumpen,” losing track of the flesh-and-blood actors in the clash of “historical forces.” Latin American historians are now helping reconstruct these actors via careful research in the archives and well-planned interviewing of survivors of the dictatorships and other eras, invaluable sources of “oral history”.

factual de valor, que possibilitava apreender a composição social e as atitudes políticas dos militares, além de suas escolhas ideológicas (POPPINO, 1959).

Em outro trabalho, Poppino resenhou “A faculdade de Direito de São Paulo e a resistência Anti-Vargas”, quando incluiu seu apoio ao ato de resistência, defendido como exemplo para o resto do país, um bastião democrático, segundo ele, contrário ao governo Vargas (POPPINO, 1985). Essa postura nos lembra a sua escrita em comentário sobre “Os idos de março e a queda em abril”, de Alberto Dines e outros²², no qual Poppino tentou passar uma visão de imparcialidade, quando, na verdade, concordou com as críticas a Goulart.

Embora seus autores tenham feito relatos objetivos e precisos, eles não deixam dúvidas de que compartilhavam das preocupações dos revolucionários sobre os rumos que poderiam ser tomados pela ala esquerda no regime de Goulart e viram a revolução como um dos males menores no Brasil. O tempo mostrará se esse julgamento foi razoável. Para o presente, o valor do livro para os historiadores está provavelmente na visão tradicional de brasileiros que estão informados sobre o papel adequado das forças armadas na vida política da nação” (tradução nossa)²³.

Ao falar sobre o trabalho de Donald Worcester, Poppino procurou mostrar posição sobre a abordagem da História Colonial, que teria sido suprimida em partes, no livro *Brazil: From Colony to World Power*, de 1973. Para Poppino, Donald Worcester ratificou o olhar norte-americano sobre a vida política brasileira, desqualificando os governos brasileiros como sendo atrasados e pouco eficientes (POPPINO, 1974) e, nesse sentido, cobrou do autor um maior destaque para a economia do interior nos séculos XVII e XVIII.

Listamos ainda a resenha do livro de Alfred Stepan, em que Poppino (1972: 606) mencionou que

Estudantes da história política brasileira podem ficar desconfortáveis com a abordagem e a interpretação do professor Stepan e leitores leigos podem ter dificuldade em seguir sua apresentação não cronológica. De todo modo, entretanto, ele produziu um estudo sólido e objetivo, indispensável para historiadores preocupados com a evolução do processo político na América Latina e é recomendado fortemente para quem lida com governos militares, seja no passado ou no presente e em outras áreas do mundo (tradução nossa)²⁴.

²² POPPINO, Rollie. *Ibid.* 1965.

²³ Do original: “While its authors have striven for accuracy and objective reporting, they leave no doubt that they shared the revolutionists’ concern over the left-ward course of the Goulart regime and looked upon the revolution as the least of the evils facing Brazil. Time will show whether this judgment was reasonable. For the present the chief value of the book for historians probably lies in its expression of the traditional views of informed Brazilians on the proper role of the armed forces in the political life of the nation.” (POPPINO, 1965: 328).

²⁴ Do original: “Students of Brazilian political history may well dispute some of professor Stepan’s emphases and interpretations, while lay readers may have difficult following his occasionally unchronological presentation. All in all, however, he has produced a sound and objective study, indispensable for historians concerned with the evolution of the political process in Latin America and highly recommended for those dealing with military governments, past or present, in other areas of the world”.

Poppino continuou interessado no tema do populismo na década de 1980, o varguismo e o autoritarismo, quando comentou a produção de Michael Connif, em 1982 (POPPINO, 1982)²⁵. Aqui já vemos o veterano brasilianista dividir as páginas da revista com outra geração de autores, os que já escreveram sobre o Brasil buscando processos de ruptura com a ditadura implantada em 1964 e durante a década de 1970. Enquanto a maioria dos brasilianistas passaram a denunciar a ditadura brasileira, o autor manteve o uso do termo “Revolução de 1964”.

Em geral, destacando-se essas resenhas mais voltadas para o tema da História Política do Brasil no contexto da Guerra Fria, o autor continuava seguindo um perfil, na HAHR, comunicando-se sobre os trabalhos de história, sobre o “Brasil profundo”, as lutas sociais, tradições culturais²⁶.

Conclusões

Voltamos a dizer que as concepções que sustentaram os atos da política externa estadunidense, como um todo, se constituíam de um embate teórico que passava pelo debate de secretários vindos de alas diferentes, que poderiam pautar ideologias tanto de um liberalismo progressista, como oriundo de correntes mais autoritárias, desde uma espécie de esquerda liberal até os setores conservadores mais tradicionais (ANDERSON, 2015). Essa disputa reverberava nas análises sobre a política dos países dos continentes. As conclusões que o Birô especial para assuntos da América Latina elaborou extrapolam os atos do próprio Departamento de Estado e se formularam em periódicos, reuniões, encontros acadêmicos e em notícias bibliográficas da HAHR, como abordamos. A conexão com os estudos sobre o Brasil, nos Estados Unidos, a informação a respeito do que era lido e as conclusões que tiravam esses funcionários compunham uma parte da ação articulada para conhecer a realidade política e estabelecer teses a respeito do modo como o trato diplomático deveria ocorrer.

Ocorreu uma diferença significativa maneira com o tema do papel dos militares na política, por exemplo, foi discutida, depois que os escritores estadunidenses passaram a criticar os atos da intervenção autoritária da ditadura (principalmente após a repercussão internacional

²⁵ Michael L. Connif é professor de História na Universidade de San Jose e criou o centro de estudos de América Latina na Universidade do Sul da Flórida.

²⁶ Ver POPPINO, 1972, p 318-319.

da tortura). Esse movimento pode ser visto nos textos lidos, nas concepções presentes na bibliografia, na alteração da postura dos acadêmicos que estudaram o Brasil, como Poppino. Enquanto nos primeiros anos da década de 1960, a averiguação de temas sobre o nacionalismo e a democracia, o papel das esquerdas e o apontamento de “soluções” para o Brasil – ainda seguindo um percurso de estudos sobre “a questão social” - ganharam destaque, já após o golpe de 1964, a abordagem mudou e foi preciso circunstanciar fatos como a entrada dos militares no poder, gerando inúmeras controvérsias dentro do que poderia ser avaliado dentro do escopo americanista a respeito da democracia. Há artigos completos, em outros periódicos, no qual é possível encontrar essa proposição de leitura sobre a democracia brasileira de maneira mais concreta, porém, para esse espaço, quis mostrar como as notícias bibliográficas e a correspondência acadêmica, aparentemente neutra, aponta diretamente para os objetivos da escrita da História vinculada ao Departamento de Estado naquele momento. Assim, vimos que o autor, influenciado pela busca da localização das tendências teórico-políticas de seu tempo, também influenciou as visões que repercutiram em língua inglesa sobre os autores brasileiros.

Dentro desse movimento teórico e político de produzir História sobre o Brasil, para um correspondente do Departamento de Estado, era fundamental localizar, descrever as lutas sociais e as relações sociais do Brasil profundo e os temas conectados com uma expectativa formulada por teóricos marxistas sobre o desenvolvimento nacional. No último caso, a história contada sobre o Brasil, oriunda da influência de cientistas sociais marxistas, em muito se destacou dentro do que foi selecionado para a compreensão a respeito do Brasil, e, como leitor, Poppino teve a preocupação em apresentar as mais diversas versões, uma vez que esse tema em muito interessava para que o Departamento direcionasse suas visões para fornecer explicações que se destacassem mais do que aquelas oferecidas por intelectuais do campo da esquerda.

Ao longo da leitura das resenhas publicadas por Poppino, percebemos sua preocupação em aparentar uma objetividade na escrita, a neutralidade, o distanciamento com ideologias, a escolha por dados e informações que fossem interpretadas pelo próprio leitor, mas que, principalmente, se afastasse do marxismo fortemente presente na América Latina naquele contexto.

Fontes

- ALEXANDER, Robert.(1965). International Communism in Latin America: A History of the Movement 1917-1963 de Rollie E. Poppino; *The Hispanic American Historical Review*, Vol. 70, n. 4, p. 1146-1147, jul.
- ALEXANDER, Robert (1962). *Today in Latin America*. Texas: Anchor Books – Doubleday e Co.
- ELSSASSER, Edward. (1965). International Communism in Latin America: A History of the Movement, 1917-1963; *The Journal of Modern History*, vol. 37, n. 2, p. 284-285, jun. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/1878378>>; Acesso em: 20 de nov.2017.
- MCALISTER Lyle N. (1960) The Military and Government: Arms and Politics in Latin America, :Edwin Lieuwen. *The Hispanic American Historical Review*, vol. 40, n.4, p. 582-590 , nov. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/2510250>>. Acesso em: 12 out. 2018.
- POPPINO, R. (1971) Resenha de DULLES, John W. F. F.: Unrest in Brazil: Political Military Crises, 1955-1964; IANNI, Otávio. Crisis in Brazil. *The Hispanic American Historical Review*, vol. 76, n. 3,jun. p. 851-852, Oxford University Press on behalf of the American Historical Association. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/1851763>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- POPPINO, R (1965). Resenha de: DINES, Alberto (org). Os idos de marco e a queda em abril. *The Hispanic American Historical Review*, vol. 45, n. 2, p. 327-328, maio. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/2510591>>.. Acesso em: 23 mar. 2018
- POPPINO, R (1968).. *Political Science Quarterly*, vol. 83, n 1, p. 149-151, março; Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/2147439>>. Acesso em: 05 abr. 2016.
- POPPINO, R (1952) Resenha de Notícia geral de toda esta capitania da Bahia desde o seu descobrimento até o presente ano de 1759 de José Antônio Caldas. *The Hispanic American Historical Review*. vol 32, n. 3, p. 401-403, agosto. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2509464>, Acesso em 20 de novembro de 2017.
- POPPINO, R (1973) Resenha de WORCESTER, Donald. Brazil: From Colony to World Power. New York, 1973; *The Hispanic American Historical Review*, vol. 54, n. 3, p. 501-503, Agosto. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2512937>. Acesso em: 20 nov. 2017.
- Poppino, R. (1963).*The Americas*, vol. 20, n 1: 79, jul. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/979677>, Acesso em: 20 nov. 2017.
- POPPINO, R (1949). The Cattle Industry in Colonial Brazil, *Mid-America*, v. 31, n. 4, p. 219-47, out.
- POPPINO, R. (1968; 1973). *Brazil: The Land and People*. New York, Oxford University Press.
- POPPINO, R. (1955). História da Cidade de São Paulo by Affonso De E. Taunay; *The Hispanic American Historical Review*, vol. 35, n. 1, p. 99-100. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2509255>, Acesso em 20 nov. 2017.
- POPPINO, R. (1968). Resenha de CRASSWELER, Robert D. Trujillo: The Life and Times of a Caribbean Dictator e MARTIN, John Bartlow. The Dominican Crisis from the Fall of Trujillo to the Civil War. *Political Science Quaterly*, vol. 83, n.1: 151.
- POPPINO, R.(1972) Resenha de DELLA CAVA, Ralph. Miracle at Joaseiro. New York and London, 1970. Columbia University Press. Maps. Tables. Illustrations. Bibliography. Index. *The Hispanic American Historical Review*, vol. 52, n. 2, pp 318-319, maio.
- POPPINO, R. (1978). Resenha de DULLES, John W. F. Foster Anarchists and Comunistas in Brazil. 1900-1935 e CHILCOTE, Ronald. The Brazilian Communists Party 1922-1972. *Latin American Research Review*, v. 13, n. 1.

- POPPINO, R. (1985) Resenha de DULLES, John W. F. Foster e ANDRADE, Vanda Mena Barreto de. A faculdade de Direito de São Paulo e a resistência Anti-Vargas. *The Hispanic American Historical Review*, vol. 65, n. 3.
- POPPINO, R. (1959) Resenha de MELO, Olbiano de. A marcha da revolução social no Brasil. Ensaio histórico-sociológico do período 1922 a 1954. *The Hispanic American Historical Review*, vol. 39, n 4, nov.
- POPPINO, R (1972). Resenha de STEPAN, Alfred. *The Military in Politics: Changing Patterns in Brazil*. Princeton University Press, 1971. *The Hispanic American Historical Review*, vol. 77, n. p.606, abril.
- POPPINO, R (1982). Resenha de Urban Politics in Brazil: The Rise of Populism, 1925-1945 de Michael L.Conniff. *The Hispanic American Historical Review*, vol. 87, n. 4, p. 1208, Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1858126>. Acesso em 24 out. 2018.
- POPPINO, R.(1949) *The cattle industry of the São Francisco Valley during the Colonial period*. Monografia, Stanford University,Califórnia, 1949.
- POPPINO, R. (1956) Tratado de Madri. Antecedents-Colônia do Sacramento (1669-1749). de Jaime Cortesão.Review; *The Hispanic American Historical Review*, vol. 36, n. 2, p. 276, maio; Disponível em <http://www.jstor.org/stable/2508675>; Acesso em 20 nov. 2017.
- SCHMITT, Karl. (1965). International Communism in Latin America: A History of the Movement, 1917-1963 de Rollie E. Poppino. *The Annals of the American Academy of Political and Social Science*, vol. 359, p. 245-246, maio. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1035207>. Acesso em 20 nov. 2017.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Perry (2015). *A política externa norte-americana e seus teóricos*. São Paulo: Boitempo.
- BARBOSA, Rubens Antonio; EAKIN, Marshall C.; ALMEIDA, Paulo Roberto de (2002). *O Brasil dos Brazilianista: Um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos*. São Paulo; Paz e Terra.
- BUROWAY, Michael (2010). *O marxismo encontra Bourdieu*. São Paulo: Unicamp.
- CANCELLI, Elizabeth (2018). *O Brasil e a Guerra Fria Cultural. O pós-Guerra em releitura*. São Paulo: Intermeios.
- CARRIJO, Maicon Silva (2008). John Watson Foster Dulles (1913-2008): a vocational historian. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 42, jul/dez.
- FERES Jr, João (2005). *A história do conceito de Latin-America nos Estados Unidos*. Bauru: Sp: EDUSC.
- FICO, Carlos (2008). *O Grande Irmão: da operação Brother Sam aos anos de Chumbo*. O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MEYERS, Jorge. (2016) Músicas distantes. Algumas notas sobre a História Intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In SÁ, Maria Elisa Noronha de (org.). *História Intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. P.23-57. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio.
- MILLS, C. WRIGHT (1975). *A Elite do Poder*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- PACHECO, Larissa Penelu B. (2021) *Redes de Intelectuais e intercâmbio brasilianista*. A trajetória de Rollie Edward Poppino como historiador (1949-1973). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal da Bahia, Salvador.

- SHOULTZ, Lars (2000). *Estados Unidos: poder e submissão*. Uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru, SP: EDUSC.
- SKIDMORE, Thomas. (2008). *O Brasil visto de fora*. São Paulo: Paz e Terra.